

Celia Pedrosa
Ida Alves
Nuno Júdice
[Org.]

**CRÍTICA DE POESIA:
TENDÊNCIAS E QUESTÕES**
Brasil – Portugal



7 LETRAS

© 2014 Celia Pedrosa, Ida Alves e Nuno Júdice

Coordenação editorial

Isadora Travassos

Produção editorial

Cristina Parga
Eduardo Sússekind
Rodrigo Fontoura
Sofia Soter
Verônica Montezuma
Victoria Rabello

Este livro contou com o apoio da Fundação Capes / Ministério da Educação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS

RJC951

Crítica de poesia : tendências e questões / organização Celia Pedrosa , Ida Alves , Nuno Júdice. - 1. Ed. - Rio de Janeiro : 7Letras, 2014.

ISBN 978-85-421-0298-7

1. Poesia brasileira - história e crítica. I. Pedrosa, Celia. II. Alves, Ida. III. Júdice, Nuno.

14-15819

CDD: 809

CDU: 82.09

2014

Viveiros de Castro Editora Ltda.
Rua Visconde de Pirajá, 580 sl. 320 - Ipanema
Rio de Janeiro RJ - CEP 22410-902
Tel. (21) 2540-0076
editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Sumário

Apresentação	7
Crítica, poesia e montagem: procedimentos de crise <i>Franklin Alves Dassie</i>	11
Poesia e crítica: a febre do diagnóstico <i>Golgota Anghel</i>	29
Modernidade e tradição na poesia portuguesa contemporânea <i>Graça Videira Lopes</i>	39
A poesia no feminino <i>Nuno Júdice</i>	51
Nem modernos nem contemporâneos: poesia luso-brasileira no pós-guerra <i>Sérgio Bento</i>	59
O fixo e o fluxo: notas sobre tempo e forma em Augusto de Campos e Ferreira Gullar <i>Viviana Bosi</i>	75
Conhecer a escuridão: crítica e poesia ou a lição de Gastão Cruz <i>António Carlos Cortez</i>	91
A poesia diante do espelho: poetas-críticos em diálogo luso-brasileiro <i>Ida Alves</i>	109
Operações poéticas e outras cirurgias estéticas: materialidade e autointertextualidade em <i>Homo Sapiens</i> de Alberto Pimenta <i>Diogo Marques</i>	123

a Alves , Nuno

Júdice, Nuno.

Apresentação

137

Celia Pedrosa

Ida Alves

151

Nuno Júdice

161

177

O conjunto de estudos que apresentamos ao leitor interessado resultou do primeiro ano de desenvolvimento do projeto integrado de pesquisa e cooperação científica internacional, com apoios CAPES (Brasil) – FCT (Portugal), entre a Universidade Federal Fluminense, a Universidade de São Paulo e a Universidade Nova de Lisboa, em parceria também com a Universidade de Évora, Portugal. Sob o título de *Crítica, poesia e contemporaneidade no Brasil e em Portugal: Tendências e questões*, o trabalho de investigação conjunta (2013-2015) visa estimular o diálogo entre pesquisadores portugueses e brasileiros preocupados em refletir sobre a produção poética e crítica que vem sendo publicada nos dois países nas últimas quatro décadas.¹

191

205

219

Há mais de dez anos esse diálogo vem sendo implementado no Instituto de Letras da UFF, a partir do trabalho das professoras Celia Pedrosa e Ida Alves como coordenadoras do grupo de pesquisa Poesia e Contemporaneidade, vinculado ao CNPq – o qual tem envolvido, além de professores, alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado da UFF e de outras universidades brasileiras e estrangeiras.

No decorrer de todo esse trabalho, consolidaram-se interesses comuns, vinculados em termos gerais ao estudo das relações entre poesia e vida cultural e, mais especificamente, à compreensão das formas poéticas de figuração e desfiguração de subjetividades e identidades socioculturais – compreensão essa que implica a discussão de semelhanças e diferenças entre modernidade e pós-modernidade, em termos estéticos, filosóficos e políticos. A esses interesses se alia a crescente consciência da necessidade de ampliar, consolidar e sistematizar, na universidade brasileira, duas diretrizes de pesquisa. Assim

¹ Em relação aos capítulos redigidos pelos pesquisadores portugueses, foi mantida a ortografia original.

Dançando sobre os destroços da sua imagem: desencanto e transgressão face ao discurso crítico dos anos 70

Cristina Firmino Santos

“As palavras esmagam-se entre o silêncio/
que as cerca e o silêncio que transportam”

MANUEL ANTÓNIO PINA

“É do silêncio de uma época que a Poesia se alimenta”

EDUARDO LOURENÇO

No ensaio “Da criação como crítica à crítica como criação”, de 1975, Eduardo Lourenço, na sequência de uma postura metacrítica revelada desde os anos 1950,¹ contesta a legitimidade epistemológica e a suposta isenção da crítica institucional:

como é que o exercício crítico – no sentido de um discurso potencialmente normativo acerca de uma obra ou a seu respeito – podia subsistir? Se a própria “criação” é incapaz de precisar as suas intenções, pois existe para as tornar ilusórias, como é que o discurso que sobre ela repousa podia escapar ao movimento de erosão incluso na palavra que é, por excelência, doadora de realidade? (LOURENÇO, 1993, p. 71-72)

Com efeito, Eduardo Lourenço, tendo por referência a negatividade da literatura moderna, anacroniza o positivismo e a altivez do exercício crítico nos moldes tradicionais, seja na figura do presencialista emblemático João Gaspar Simões, seja na crítica estruturalista. Como pretendo argumentar neste ensaio, este questionamento metacrítico, é acompanhado, na década de 1970, por um ímpeto revisionista por parte de poetas-críticos que, sob a óptica da poesia tal como a entendem, reveem o lugar da crítica, os seus

¹ No livro *O canto do signo. Existência e literatura (1957-1993)*, surgem coligidos, na parte I, os ensaios de Eduardo Lourenço que tematizam o acto crítico e que se encontravam dispersos por diversas obras. Desde logo sobressai o pendor metacrítico notório em ensaios que datam de 1957 e que, embora quase imperceptíveis no contexto português da época, revelam a consistência e acutilância da reflexão crítica de Eduardo Lourenço.

A crítica de Luís Miguel Nava e o pensamento do corpo sem órgãos da literatura

Aderaldo Ferreira de Souza Filho

“Porque sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...”

ALBERTO CAEIRO, *O guardador de rebanhos VII*

Em um texto sobre uma imagem que atravessa a obra de diversos poetas, a de um cadáver a fitar o céu estrelado, sem que qualquer relação de influência ou citação possa justificar seu trânsito por entre elas, Luís Miguel Nava expõe o que para ele constitui uma perplexidade inerente à nossa condição humana:

Enquanto vivo, o espaço interior dum corpo, esse onde o abismo nietzschiano se reflete, não corresponde ao das suas proporções externas – e esse desajustamento entre o tamanho que dele vemos, digamos, a partir de fora e o que dentro dele se deixa pressentir será para nós sempre um foco de perplexidade. Mas maior perplexidade nos advém da ausência desse espaço, tão apenas na aparência inconciliável com a pequenez do corpo a que o nosso imaginário o circunscreve (NAVA, 2004, p. 61).

Esta observação talvez resuma, por sua vez, a perplexidade ou vertigem que nos acomete enquanto leitores de sua poesia e nos dê uma das razões do singular trabalho imagético que ela efetua. Na indagação desse espaço interior do corpo, encontramos uma explicação para um dos processos mais recorrentes a que essa poesia submete as imagens: a reversibilidade entre interior e exterior. Assim, percebemos que é a própria noção de vitalidade que fundamenta a reversão. O vivo é o que se estabelece entre meios, estabelece a comunicação entre os meios, alimentando-se justamente de sua desproporção, de sua diferença de potencial. As imagens do corpo em sua visceralidade que animam a obra de Nava promovem, pois, menos uma exploração da profundidade fisiológica do que a integração entre meios ou dimensões do real: o mundo orgânico, a paisagem (imagética ou mesmo enquanto meio material e perceptivo), a escrita, os tempos passados e mesmo futuros (cf.